Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura[1]

Flávia Martins dos Santos[2]
Suely Henrique de Aquino Gomes[3]

Resumo:
O objetivo do presente trabalho é verificar como pesquisadores estudiosos da cibercultura se apropriam do método netnográfico para a condução de suas pesquisas. Foram analisadas teses e dissertações disponibilizadas no Banco de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica – BDTD/IBICT. De 35 trabalhos identificados, sete foram aleatoriamente selecionados para análise da metodologia adotada pelos autores. As categorias de análise versaram sobre a experiência da pesquisa a partir da netnografia e os aspectos éticos observados. Os resultados mostraram falta de atenção quanto ao termo de consentimento livre e esclarecido, ausência de informações sobre anonimato e privacidade e obtenção de autorização para publicação dos dados obtidos durante a pesquisa.

Palavras-chave: Cibercultura; Metodologia; Netnografia; Etnografia Virtual

Introdução

Estudos empíricos conduzidos em espaços virtuais de socialização enfrentam o desafio de definir um método que seja apropriado e consiga propiciar o levantamento e a análise de dados relevantes para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais próprias do ambiente estudado segundo os objetivos previamente fixados. Gurak e Silver (2002), por exemplo, observam que decisões sobre que método de pesquisa adotar, a obtenção de consentimento dos sujeitos envolvidos na pesquisa e questões relacionadas com aspectos públicos e privados das informações obtidas se tornaram problemáticas quando pensadas na esfera do ciberespaço.

---

[1] Artigo apresentado no Eixo 1 – Educação, Processos de Aprendizagem e Cognição do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013

[2] Mestre em Comunicação, Mídia e Cultura pela Universidade Federal de Goiás -UFG. Pesquisadora e docente pela Faculdade de Informação e Comunicação da UFG e Centro Universitário Uni-Anhanguera. Email: flaviamartins21@gmail.com

[3] Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília – UnB. Pesquisadora e docente da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG e professora permanente do Mestrado em Comunicação, Cidadania e Cultura. Email: suelyhenriquegomes@gmail.com

O caráter ainda relativamente recente e não reificado das interações mediadas por computadores demandam do pesquisador "combinações e adequações de métodos elaborados para outros contextos" (BRAGA, 2006 , p.156).

Neste sentido, uma das primeiras observações em termos metodológicos é que a grande maioria das pesquisas de diferentes áreas do conhecimento - dentre elas a Comunicação, a Educação, Administração e a Psicologia - voltadas para analisar a sociabilidade e traços culturais nesses ambientes tem optado por uma abordagem qualitativa e exploratória.

Há de se ressaltar que o predomínio de pesquisas qualitativas não é exclusividade de estudos de culturas *onlines*. De um modo geral essa abordagem tem sido privilegiada nas áreas humanas e sociais para descrever, compreender ou explicar os fenômenos relacionados à vida em sociedade, contrapondo-se à perspectiva quantitativa próprias das ciências positivistas e cartesianas. Os adeptos do paradigma quantitativo pressupõem um modelo único de se fazer ciência – aquele próprio das ciências naturais – e seguem "um caminho indutivo para estabelecer leis, mediante verificações objetivas, amparadas em frequências estatísticas" (CHIZZOTTI, 2003, p. 222).

Os pesquisadores do campo do conhecimento das humanas e sociais advogam que a complexidade e riqueza dos fenômenos humanos e os fluxos caóticos e múltiplos das interações sociais que emergem e se sustentam na criação e atribuição de significados às coisas, às pessoas e aos fatos cotidianos não podem, nem devem, ser reduzidas a uma série estatística sob o risco de se perder as nuances próprias dessas interações e fenômenos que dão origem à diversidade cultural de povos, comunidades e grupos.

Diante dessa legitima reivindicação, constata-se que, se, por um lado, os cientistas das áreas *softs* (humanas e sociais) tentam romper com o engessamento dos métodos quantitativos para o estudo de seus fenômenos, por outro, eles enfrentam os constantes questionamentos sobre a confiabilidade e validade dos resultados das pesquisas qualitativas. Para atenuar esse problema, Bradley (1993, p. 236) sugere que os pesquisadores qualitativistas procurem conferir a credibilidade da fonte e do material analisado; primem pela fidelidade na transcrição do material; e busquem posteriormente a confirmação dos dados analisados.

As críticas não inibiram o avanço, a consolidação e o desenvolvimento de procedimentos e instrumentos para a condução de pesquisas qualitativas, o que deu origem a uma variedade de aproximações metodológicas que pode ser rotulada, a partir das teorias que as fundamentam, de fenomenológica, construtivista, crítica, etnometodológica, interpretacionista, feminista ou pós-modernista; ou ainda, levando-se em consideração o tipo de pesquisa, de pesquisa etnográfica, participante, pesquisa ação, história de vida, dentre outras (CHIZZOTTI, 2003, p. 223).

Essa variedade de aproximações qualitativas comunga um conjunto de características que possibilita agrega-las sob o rótulo "pesquisa qualitativa". Primeiro, todas tomam o ambiente natural como fonte privilegiada de coleta de dados - o que leva alguns pesquisadores a denomina-las de abordagens naturalistas. Segundo, todas colocam o pesquisador como instrumento importante nesse processo. Terceiro, todas têm caráter descritivo. Quarto, o foco principal de observação do pesquisador é o significado que as pessoas atribuem às coisas e às interações cotidianas.

Dentre as possibilidades das abordagens qualitativas, a etnografia tem despontado, de forma cada vez mais contundente, como um método promissor para os estudos ciberculturais. A etnografia, técnica fundada na antropologia, teve como objetivo original, estudar sociedades primitivas e culturas exóticas, mas ela tem estendido seu alcance a diversos outros campos, sendo bastante utilizada em outras áreas de conhecimento cujas pesquisas têm como problemática principal compreender os diferentes significados atribuídos às coisas e pessoas a partir do ponto de vistas dos nativos de determinados grupos ou comunidades (SPRADLEY, 1979).

Hammersley (1990, *apud* FINO, 2003) defende que o método etnográfico é o mais apropriado quando o objeto de análise da pesquisa é a cultura e, portanto, não há definição ou detalhamento prévio sobre que dados serão coletados, nem estabelecimento a priori de categorias de análises. Essas categorias emergem a *posteriori* mediante a interação do pesquisador com campo de pesquisa e a análise dos dados é fundamentalmente pautada na interpretação de significado e assume uma forma descritiva e interpretativa.

Mesmo que se reconheça que os estudos das culturas *online* se enquadram nas características apontadas por Hammersley, o uso do método etnográfico naquele contexto, no entanto, ainda exigirá determinadas adequações para abarcar certas

peculiaridades próprias do ciberespaço. Nos últimos anos, autores como Kozinets (1997), Hine (2004) e Boellstorff (2008) forjaram uma apropriação da etnografia tradicional para que ela pudesse ser adaptada a um novo ambiente, o ciberespaço, exigindo então algumas redefinições e acrescentando outras possibilidades.

A partir dessas considerações, o objetivo do presente trabalho é verificar como pesquisadores estudiosos da cibercultura se apropriam do método etnográfico para a condução de suas pesquisas. Como primeira aproximação para alcançar o objetivo, foram analisadas teses e dissertações disponibilizadas no Banco de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica – BTED/IBICT. Para localizar o material para análise, foi realizada uma busca na base de dados daquele instituto com os seguintes termos "etnografia virtual", "netnografia", "cibermetodologia" e "ciberetnografia". Esses termos deveriam estar explicitados nos campo de descritores do assunto. Dentre os termos pesquisados, aquele que retornou resultado positivo foi "netnografia", com 35 itens recuperados. Dessas 35, sete foram aleatoriamente selecionadas para análise da metodologia adotada pelos autores.

1. Etnografia: do *offline* ao *online*

A adaptação do método etnográfico para o ambiente virtual foi acompanhada de diferentes denominações. Diversos autores têm questionado essa proliferação terminológica. Tanto Kozinets (1997) quanto Hine (2004), por exemplo, acham improdutiva essa inflação de neologismos apesar de concordarem que há necessidade de se adotar uma nomenclatura que venha demarcar as diferenças e nuances existentes entre uma etnografia *online* e aquela *offline* (AMARAL, 2010, p 126). Segata (2008) aponta que, neste quesito, a diferença maior entre a etnografia online e *offline* reside no fato de que "não se tratam apenas de relações face a face, antes sim e em grande medida, tratam-se de alguma forma, de relações mediadas por computador e acima de tudo relações em espaços *on-line*" (SEGATA, 2008, não paginado).

Devido a essa peculiaridade é que a polêmica em relação à aplicação da etnografia no estudo de comunidades virtuais extrapola as questões terminológicas. Segata (2008, não paginado), por exemplo, confidencia que o seu maior desafio na transposição desse método para o ambiente virtual foi "convencer a própria

antropologia da possibilidade de fazer etnografias no ciberespaço". Os questionamentos envolvendo as interações face a face estão na origem das desconfianças de que numa etnografia virtual "supostamente se perderiam de vista certos modos de interação não redutíveis àquelas interações no ciberespaço (em termos de limitação gestual, entonação de voz, entre outras, se comparados com espaços *off-line*)" (SEGATA, 2008, não paginado), o que colocaria em suspeição a confiabilidade dos dados via essa etnografia adaptada .

Outra polêmica relacionada à adoção de métodos etnográficos virtuais para estudar a Internet em suas duas dimensões (cultural e técnica) envolve o conceito de "campo". É sabido que os ambientes virtuais alteram consideravelmente a noção de espaço, e consequentemente de campo, conforme entendido na perspectiva tradicional da antropologia, uma vez que as comunidades virtuais inauguram um campo de interações mediada por computadores, desterritorializado e sem limites geográficos, tornando-se um fenômeno mundialmente distribuído (HINE, 2005). Apesar dessas características, Hine defende que as interações sociais virtualizadas são indissociáveis dos contextos onde essas ocorrem e reconhece que "o objeto da investigação etnográfica pode ser remodelado ao nos concentrarmos sobre o fluxo e a conectividade em vez da localização e fronteira como princípio de organização" (HINE, 2000, p.63-65). De qualquer modo, a noção de espaço e, consequentemente "campo", não pode ser tomada em sua perspectiva objetiva e material. Antes, deve-se concebê-lo como instâncias frequentadas por *personas*[4] que simbólica e virtualmente constroem suas localidades e estabelecem suas delimitações territoriais.

A posição e *status* do pesquisador na condução de estudos etnográficos virtuais também são alvos de questionamentos. A pergunta central, conforme estruturada por Segata (2008, não paginado) é: "em um 'mundo onde todos podem ser o que quiser', como se posicionar como pesquisador entre os pesquisados, de modo a ser reconhecido como alguém que está ali com intuitos de 'fazer algum tipo de ciência'?". O autor responde a essa questão retomando a discussão no interior da Antropologia "sobre velho lugar de autoridade e de empoderamento do pesquisador" para concluir que o abandono

[4] *Personas* refere-se aos diversos papeis/máscaras que as pessoas são chamadas a adotar nas suas interações cotidianas. Segundo Mafessoli, "a pessoa é, acima de tudo, uma máscara. A natureza da pessoa é polissêmica e polifórmica" (MAFESSOLI, 1988, p.141). A esse aglomerado de máscaras, interações e aglomerações, o autor denomina de *persona*.

dessa postura e o colocar-se de forma simétrica "aos nossos nativos" pode ser analisado mais como o atendimento de um anseio da comunidade acadêmica que necessariamente um problema a ser resolvido. "Para ser um pouco provocativo, do 'agora somos todos nativos' sugerido por Clifford Geertz (2002), nossos trabalhos caminham mais para o 'agora somos todos antropólogos', sugerido por Roy Wagner (1981)" (SEGATA, 2008, não paginado).

Boellstorff (2008) ao fazer referência a uma antropologia virtual procura por um fim a esse embate sobre a validade deste método em ambientes virtuais ao decretar que "a etnografia tem sido sempre um tipo de investigação virtual entre os humanos" (BOELLSTORFF, 2008, p.38), posto que o seu produto final é uma espécie de conhecimento virtual. O autor fundamenta seu argumento apontando que o entendimento etnográfico da cultura se dá a partir do ponto de vista dos nativos, portanto, é um conhecimento virtualmente produzido na pele de outra cultura (BOELLSTORFF, 2008, p. 5-6). Dessa forma, o autor se contrapõe à postura mais ortodoxa a respeito da validade do método etnográfico adaptado para o ciberespaço.

Boellstorff (2008) procura disponibilizar uma base conceitual para se pensar "antropología virtual" a partir do argumento irrefutável de que a *techné* é um elemento constituinte da cultura e, portanto, a antropologia tem na etnografia instrumental metodológico suficiente para entender essa nova forma de produção de conhecimento e de constituição de identidades possibilitadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação, notadamente a Internet.

Ainda em defesa do método, Christine Hine afirma que

> Una etnografía de Internet puede observar com detalle las formas en que se experimenta el uso de una tecnología. En su forma básica, la etnografía consiste en que un investigador se sumerja en el mundo que estudia por un tiempo determinado y tome en cuenta las relaciones, actividades y significaciones que se forjan entre quienes participan en los procesos sociales de ese mundo. El objetivo es hacer explícitas ciertas formas de construir sentido de las personas, que suelen ser tácitas o que se dan por supuestas. El etnógrafo habita en una suerte de mundo intermédio, siendo simultáneamente un extraño y un nativo (HINE, 2004, p.17).

Os estudos etnográficos virtuais, assim como na abordagem tradicional do método, exigem a observância a determinados procedimentos e cuidados. Essa medida é

necessária para que a etnografia não seja tomada como “sinônimo supostamente legítimo para uma mera observação e monitoramento” (AMARAL, 2010, p.129). Assim, os procedimentos da etnografia virtual devem primar pela combinação de observação e participação, longo período de engajamento na comunidade estudada que implica em uma imersão no ambiente.

O envolvimento do pesquisador com a comunidade pesquisada pode “variar ao longo de um espectro que vai desde ser intensamente participativa até ser completamente não-obstrutiva e observacional” (KOZINETS, 2007, p.15). Nas primeiras incursões no ambiente virtual, ou entrada no campo, caracterizada por uma fase exploratória de cenários e de familiarização do pesquisador com a dinâmica do ambiente, Beneti (2010), por exemplo, defende a observação não participante. O grau de envolvimento do pesquisador com os nativos do seu campo de estudo fundam algumas posturas. Cabe ao pesquisador, ao longo das etapas de uma pesquisa etnográfica, gerenciar o grau de envolvimento adequado que lhe permitirá tanto apreender as nuances do funcionamento daquela cultura e, ao mesmo tempo, não perder o foco das questões que orientam sua pesquisa (HINE, 2000).

O grau de envolvimento do pesquisador com os nativos do seu campo de estudo fundam algumas posturas. Dentre as possibilidades, há a posição de *newbie*[5], *lurke*r[6] ou *flaneur*[7], podendo haver combinações entre elas, em função dos objetivos e da etapa da pesquisa[8]. Independente do posicionamento adotado, o pesquisador deve deixá-lo claro na descrição da sua abordagem metodológica, uma vez que as decisões a esse

[5] O pesquisador opta pela observação não participativa. Indicada para a primeira fase da pesquisa, conforme argumento de Beneti (2010)

[6] O pesquisador visita os fóruns, weblogs, chats e sites sem participar das discussões, passando despercebido e mantendo o anonimato. (NEVE, 2006, não paginado).

[7] o flâneur - personagem popularizado por Baudelaire que leva a vida observando o burburinho da cidade, em itinerários errantes. “*mesmo que ele jogue com a estranheza, com a distância, com o ar blasé como dizia Simmel, ele se encontra na verdade sempre em um ambiente familiar, que ele gostaria de se desfazer. A rua é seu lugar de predileção. Ele está em casa, diga ele o que disser.*” (ROBIN, 2009, apud MONET, 2013?, p.220).

[8] A condução de uma etnografia virtual envolve as seguintes etapas e procedimentos metodológico, segundo KOZINETS (2010): Entrée – ou entrada em campo que envolve a definição da questão problema e a identificação da comunidade a ser estudada; Nessa primeira etapa geralmente se adota uma modalidade de observação não participante, que facilita a seleção de cenários relevantes.. Nesse caso, o pesquisador adota uma posição de *newbie;* Coleta de dados que demanda a interação direta, a observação participante e/ou flutuante. A coleta de dados implica na manutenção do diário de campo; Análise dos dados – que envolve o processo de classificação, decodificação e significação dos dados; Escrita – a produção de textos descritivos e explicativos sobre os acontecimentos vivenciados.

respeito podem interferir na compilação e análise dos dados, conforme alertado por Amaral, Natal e Vianna (2008).

Além de propiciar uma forma de conhecer por meio da experiência pessoal, a etnografia virtual apresenta três principais facilidades: a possibilidade de aprofundar o conhecimento sobre o grupo através do próprio ambiente virtual, evitando possíveis mudanças de comportamento; a facilidade de prescindir da transcrição visto que as conversas, vias de regra, são registradas por meio de texto, deixando o pesquisador em melhores condições de analisar outros elementos do contexto em que está inserido. Adicionalmentee, segundo Kozinets (1997), a etnografia virtual ou netnografia torna-se menos subjetiva do que a etnografia tradicional porque é possível abarcar registros de vários tipos demateriais coletados *on line*, ou "artefatos", como os chama Kozinets (*apud* MONTARDO; PASSERINO, 2006), tais como imagens, arquivos de áudio e vídeo, troca de *e-mails*, registros das conversas públicas e particulares através do metaverso.

Nesse ponto reconhece-se que a etnografia virtual exige uma certa disposição e flexibilidade do pesquisador para transitar por diversas plataforma com o intuito "acompanhar o nomadismo das *personas* e dos discursos que por eles circulam" (BENITI, 2010, p 38). Para acompanhar a movimentação das *personas* nos espaços virtuais, alguns pesquisadores tem adotado a técnica de participação flutuante, conforme proposto por Péttonnet (2008). Esse método coloca o pesquisador na posição de *flaneur*, fazendo-o seguir o fluxo nômade de seus pesquisados, estando à mercê dos acontecimentos e das circunstâncias.

Além de todos esses cuidados, um ponto relevante que não pode ser deixado de lado está relacionado com o "aspecto ético que deve ser observado na pesquisa netnográfica, em termos de se obter consentimento sobre o que vai ser publicado, ainda que a natureza do que é observado seja pública, bem como, que se mantenha o anonimato e confidência uma vez requeridos" (MONTARDO; PASSERINO, 2006, p.6).

A observação desses princípios demanda decisões sobre como e quando o pesquisador deve revelar sua identidade e intenções. Uma possibilidade é que essas informações sejam dadas assim que surjam questionamentos sobre os motivos da participação no ambiente, ou se faça necessária a realização de questionamentos a

respeito da experiência dos membros das comunidades virtuais. Tal comportamento permite que a identificação ocorra naturalmente no processo de socialização do pesquisador. A adoção deste procedimento pode minimizar vieses na pesquisa.

2. Etnografia virtual posta em prática

A partir da discussão levada a cabo no item anterior, a análise de sete teses ou dissertações que proclamaram lançar mão da netnografia – termo preferencialmente adotado pelos seus autores – pautou-se nas seguintes categorias: ambiente estudado, tempo de participação, forma de participação, técnicas agregadas (diário de campo, entrevista, observação participante). Para as questões éticas considerou-se: identificação do pesquisador, termo de livre consentimento e autorização para pesquisa e publicação de dados. Essas categorias resultaram no quadro 1, abaixo, onde reuniu-se, de forma sumariada, os resultados da análise dos dez trabalhos selecionados.

Quadro 1 – Análise sintetizada das experiências pesquisa a partir da netnografia.

Estudo	Ambiente	Tempo	Forma	Técnicas agregadas	Identificação	Termo de livre consentimento	Autorização
1	Orkut	Um ano.	Membro das comunidades.	Observação participante e coleta de depoimentos.	Não	Não consta.	Não Costa.
2	Orkut e Facebook	Dois anos	Membro e gerenciador da comunidade e grupos.	Observação participante, diário de campo, coleta de vídeos e imagens fotográficas. Técnica complementar: Etnografia (questionários e entrevistas semi-estruturadas presenciais)	Sim	Não consta.	Houve autorização para realização da pesquisa.
3	Facebook e Twitter	Dois anos e dez meses	Acesso às páginas e observação de interações publicamente identificáveis.	Observação e coleta de todas as mensagens relacionadas, vídeos e imagens. Técnica complementar:	Não	Não consta.	Não. Os dados são tomados como públicos.

				grounded theory.			
4	Flickr	Não consta.	Membro da comunidade.	Observação participante, coleta e análise de imagens, e entrevistas.	Sim	Não consta.	Houve autorização para realização da pesquisa.
5	Facebook	Não consta.	Perfil pessoal.	Observação participante.	Sim, parcialmente.	Não consta.	Houve autorização para realização da pesquisa e publicação das informações.
6	Blogs	Mais de três anos.	Acesso às páginas e observação de interações publicamente identificáveis.	Observação participante, entrevista semi estruturada, coletas de depoimentos. Técnica complementar: estudo de caso.	Sim, parcialmente.	Não consta.	Não consta.
7	Orkut	Não consta.	Acesso às páginas e observação de interações publicamente identificáveis.	Observação participante.	Sim, parcialmente.	Não consta.	Indireta – aceite como amigo-participante na pesquisa

O objetivo do quadro1 é sintetizar as análises de modo a facilitar uma compreensão geral do cenário estudado. Os trabalhos foram identificados apenas por números e todas as informações foram coletas das descrições metodológicas e aplicações da técnica proposta conforme a descrição apresentada pelo autor. Desse modo, declarações do tipo “não consta” se fundamentam na não apresentação dessas informações por parte dos pesquisadores nas teses ou dissertações.

Ainda que a principal técnica utilizada tenha sido a netnografia, alguns pesquisadores afirmaram ter utilizado de técnicas complementares fora do ambiente *on line*. Nestes casos especificamente, as técnicas foram listas logo abaixo das ferramentas ligadas à netnografia.

As autorizações para pesquisa e publicação dos dados foram analisadas com base nas informações claramente disponibilizadas no texto e também foram presumidas em alguns casos que previam realização de entrevistas ou aceite para acesso aos dados.

3. Inconclusões

Apesar da amostra ser de apenas vinte por cento das teses e dissertações identificados no Banco de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica – BDTD/IBICT, pôde-se identificar algumas características das pesquisas que utilizaram a netnografia como principal técnica. A primeira delas é a predominância de aplicação da técnica netnográfica no estudo de mídias sociais. Infere-se que, pela crescente popularização deste tipo de mídia, pela facilidade de acesso e pelo grande número de sujeitos participantes, as mídias sociais têm sido ambientes amplamente pesquisados a partir da netnografia.

Uma vez que a metodologia em questão exige certa imersão e participação por parte do pesquisador, o tempo investido nesses ambientes parece ser de grande relevância para a validação da pesquisa. Apesar de boa parte dos trabalhos afirmarem ter dedicado tempo maior que um ano de participação nos ambientes em questão, alguns pesquisadores não se atentaram para este tipo de relato. A publicação do tempo de interação com o grupo pesquisado pode ser revelador da confiança do grupo depositada no pesquisador e do nível de realidade das informações coletadas, por isso sugere-se este sempre seja divulgado na descrição metodológica.

Com relação às ferramentas da netnografia utilizadas, o único padrão identificado foi a utilização da observação, na maioria das vezes, participante. Conforme discutido anteriormente, independente do posicionamento de participação adotado, o pesquisador deve deixá-lo claro na descrição da sua abordagem metodológica. Entretanto, foram encontradas dificuldades para identificar a abordagem e forma de participação em alguns casos. A observação foi considerada participante pelos próprios autores, entretanto, em alguns casos, não houve interação com os grupos pesquisados, premissa da netnografia.

O diário de campo, ferramenta amplamente utilizada pela etnografia, técnica da qual se origina a proposta de aplicação ao ciberespaço, não foi identificado na maior parte das pesquisas. Percebeu-se que muitos relatos e recortes foram arquivados, porém não foram identificadas muitas iniciativas voltadas à sistematização das informações e, principalmente, ao registro das impressões cotidianas do pesquisador. Caso não registre

esse tipo de informação e confie apenas em sua memória, o pesquisador corre o risco de perder valiosos dados a respeito da realidade estudada.

As entrevistas foram a segunda ferramenta mais utilizada, geralmente semi estruturadas, para aprofundar e esclarecer questões específicas do ambiente e suas interações. Em muitas pesquisas esta é a oportunidade de identificação do pesquisador enquanto tal e geralmente é precedida por um pedido de autorização aos pesquisados para coleta de informações. Entretanto este pedido não prevê exatamente, ao menos o que diz o texto, autorização para sua publicação na maioria dos casos.

No que se refere a estas questões éticas como identificação, autorização e termo de livre consentimento houve certa heterogeneidade nos trabalhos analisados. Apesar de apenas duas das sete pesquisas não terem sido realizadas de forma identificada, nenhuma delas utilizou-se de algum termo que assegurasse a concordância dos envolvidos com a realização do trabalho. Além disso, as autorizações, conforme já explicitado, não seguiam um padrão, sendo presumidas em alguns casos pelo aceite em responder um questionário ou entrevista. Em apenas um dos trabalhos analisadas ficou explicita a autorização para publicação dos dados coletados.

Chegando a este ponto, pode-se perceber que ainda há muitos pontos a serem esclarecidos e estudos a serem realizadas no que se refere às possibilidades de aplicação da netnografia ou etnografia virtual enquanto metodologia de pesquisa. É preciso questionar: até que ponto a técnica tem sido de fato aplicada? Até que ponto alguns trabalhos não estariam utilizando apenas a observação participante e julgando-a netnografia? Quais os limites éticos entre as informações "públicas" disponibilizadas na rede e vida de diversos usuários que compartilham desejos, problemas, experiências e atitudes virtualmente?

A única conclusão a que se pode chegar é que, assim como a própria cibercultura guarda em si inúmeras potencialidades ainda por explorar, as técnicas de pesquisa utilizadas para seu estudo também precisam de ampla discussão sobre seus limites éticos e de apropriação a cada realidade explorada. E as novas realidades do virtual continuam a surgir, a todo instante.

4. Referências Bibliográficas

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências Metodológicas. **REVISTA USP**, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geógia; VIANA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Famecos**, Porto Alegre, n 35, 20 dez. 2008,. Disponível em http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687. Acesso em: 13 mar. 2012.

BENETTI, Georgia Maria Ferro**. Discursos sobre menstruação em Comunidades do orkut: gênero, corpos e materialidades no ciberespaço.** 2010. 225f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

BOELLSTORFF, Tom. **Coming of Age in Second Life**: An Anthropologist Explores the Virtually Human. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2008.

BRADLEY, J. Methodological issues and practices in qualitative research. **Library Quarterly**, v. 63, n. 4, p. 431-449, 1993.
BRAGA, Adriana. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. **UNIrevista**, Vol. 1, n° 3 : (julho 2006). Disponível em http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Braga.PDF. Acessado em Julho 2011.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga/Portugal, v.16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em: redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37416210.pdf. Acesso em: 04 jun. 2012.

FINO, C. N. FAQs, Etnografia e Observação Participante. **SEE – Revista Europeia de Etnografia da Educação**. vol 3. 2003, p 95-105.

______ A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.) **Educação e Cultura**. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008, p 43-53.

GURAK, Laura; SILKER, Christine. Technical communication research: from traditional to virtual. In: GURAK,Laura; LAY, Mary (Eds**.). Research in technical communication**. Westport: Praeger, 2002, p. 229-248.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000

______. **Etnografia virtual.** Barcelona, Editorial UOC, 2004. Disponível em: <http://www.uoc.edu/dt/esp/hine0604/hine0604.pdf>. (primeiro capítulo). Acesso em: 15 jul. 2009.

KOZINETS, R. **On Netnography**: Inicial Refletions on Costumer Research Investigatios of Cyberculture. (1997). Disponível em: http://research.bus.wisc.edu/rkozinets/printouts/kozinetsOnNetnography.pdf . Acesso em 20 out.2006.

MAFESSOLI, Michel. Jeux de masques: postmodern tribalism. **Design Issue**, vol VII (1-2), Special Issue, 1988.

MONET, Nadja. Flanâncias femininas e etnografia. **Redobra**, Salvador, vol 11 (23). P. 218-234). Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11_23.pdf. Acessado em agosto 2013.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **CINTED-UFRGS**: novas tecnologias na educação, dez. 2006, v. 4, n. 2.

PETTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. Antropolítica: **Revista contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. Niterói: EdUFF, 2008.

SEGATA, Jean. ***Entre Sujeitos***: o ciberespaço e a ANT. In: II Simpósio Nacional de. Pesquisadores em Cibercultura, 2008, São Paulo. **Anais..** Disponível em http://www.grupciber.net/blog/wp-content/themes/grupciber/publicacoes/jeansegata/artigo.pdf. Acessado em agosto 2012.

SPRADLEY, J. **The Ethnographic Interview**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.